

27/6/2021

EBD – Escola Bíblica Dominical

TEXTO BASE: Filipenses 1.21

PALAVRAS CHAVE: Vida, Vida Boa, Obediência, Cristo.

OBJETIVO: Entender que a vida do homem não está em suprir suas necessidades físicas, mas sim entender que só Cristo supri nossa necessidade de “preencher” nosso coração.

Para entender a passagem

“Porque para mim o viver é Cristo, e o morrer é lucro.”

(Filipenses 1.21)

INTRODUÇÃO

Chegamos ao final de mais uma série. Temos aprendido sobre o que é uma boa vida, aprendemos o que significa verdadeiramente viver e que nem só de pão vive o homem, mas sim de toda a palavra que procede da boca de Deus.

Vimos a importância desse tema em nossas vidas, o que significa viver pelo Evangelho, seus benefícios, sua importância; como nossa vida é afetada e que viver é glorificar a Deus. Mas, hoje, seremos levados a pensar em um tema que muitas vezes evitamos: nossa morte. “Tenha uma boa morte”, mas o que significa isso? Isso é morrer tranquilo, sem preocupação, em um local aconchegante?

Vamos entender um pouco mais sobre essa questão.

I. TEORIAS SOBRE A MORTE

Antes de começarmos o estudo bíblico sobre o que é a morte, precisamos passear pelo “pátio filosófico” para entender como esses pensamentos influenciam nossos dias hoje.

Epicuro (341 - 271 a.C.)

A tradição filosófica é repleta de teorias a respeito da morte. Para Epicuro, a morte é um processo tão inevitável quanto natural. Ele descreve a morte como a simples dissolução das partículas que compõe o corpo e que, mais tarde, irão se reunir novamente, dando origem a outros seres. Ele define a morte na seguinte frase:

"A morte nada significa para nós". Para ele, "A morte é uma quimera: porque enquanto eu existo, ela não existe; e quando ela existe, eu já não existo".

Arthur Schopenhauer (1788-1860)

Outro filósofo que define a morte, é Arthur Schopenhauer. Para ele a morte é como uma pedra chave para a filosofia, como pode ser visto em algumas de suas passagens do seu livro "A metafísica da morte":

"No fundo, entretanto, somos uno com o mundo, muito mais do que estamos acostumados a pensar: sua essência íntima é nossa vontade; seu fenômeno é nossa representação. Para quem pudesse ter clara consciência desse ser-uno, desapareceria a diferença entre a persistência do mundo externo, depois que se está morto, e a própria persistência após a morte." (Schopenhauer, 1788-1860, p.100).

Enquanto a filosofia permanece desconhecida, o homem vive de forma tranquila e é o conhecimento de sua existência e a percepção de que se é finito que o torna temente à morte. Essa visão de Schopenhauer, reitera a ideia de que um dia a matéria terá fim.

Friedrich Nietzsche (1844-1900)

O homem vivencia a morte de duas formas, de forma covarde ou voluntária: "A morte covarde pode ser definida, em poucas palavras, como a experiência da morte como um acaso, cujo efeito imediato é o desejo de morrer. Nesse caso, deseja-se morrer porque se morre. A falta de longevidade da vida basta para que se pregue o abandono da mesma. Aqueles que pensam assim, dirá Nietzsche, são os pregadores da morte". (Nasser, E. (2008) Nietzsche e a Morte. Cadernos de Filosofia Alemã).

Para fundamentar sobre as consequências da morte covarde, Nietzsche faz menção à lembrança inerente ao homem, considerado por ele como a causa de todo o sofrimento humano, sendo este submetido ao tempo que passa, perdendo a possibilidade de mudança da realidade. O homem não tem noção real de tempo, sendo acometido à morte que "parece ser um acidente que assalta". A morte surge, para essas pessoas, como uma fatalidade.

Martin Heidegger (1889 – 1976)

Para Heidegger, o homem está especialmente mediado por seu passado: o ser do homem é um "ser que caminha para a morte" e sua relação com o mundo concretiza-se a partir dos conceitos de preocupação, angústia, conhecimento e complexo de culpa. O homem deve tentar "saltar", fugindo de sua condição cotidiana para atingir seu verdadeiro "eu". O panorama de sua teoria é o do sentido de "ser": os modos e as maneiras de enunciação e expressão de ser. Nesse sentido, o importante está em alcançar o melhor sentido de ser, para enfrentar a morte.

Há muitos outros filósofos que trouxeram sua contribuição para o entendimento da morte. Mas como bem sabemos, nenhum deles observa a morte com uma cosmovisão cristã, a luz da Palavra de Deus. Por isso, o nosso Senhor, traz um entendimento muito mais profundo e real a respeito da morte, como é conhecido na teologia: A Teologia da Morte.

II. TEOLOGIA DA MORTE?

Em nossos debates, a respeito da vida, é inevitável pensar sobre a morte. Ao falarmos sobre vida, precisamos falar sobre a morte. Pois, em algum momento, todos nós deveremos enfrenta-la (Hb 9.27).

A grande verdade é que todos nós temos algum nível de medo, quando tratamos sobre a morte. Qual o motivo desse medo? O homem foi criado para a eternidade, em viver para a glória de Deus, vemos isso no ato da criação no Éden. Mas, devido o pecado, a morte agora é ameaçadora. Pois, agora, o pecado nos trouxe a grande incerteza: o que virá depois?

Na Bíblia, a palavra "morte" possui, ao menos, dois sentidos. O primeiro é literal: **o fim da existência na Terra**. Nesse caso, morrer não é consequência do pecado, pois o ser humano experimenta o ciclo natural de concepção, nascimento, crescimento, procriação, maturidade, envelhecimento e final de vida, como os outros animais sexuais. A lugar nem alimento suficiente para todos. A nossa geração não existiria. É a dimensão natural da morte, que não pode ser ignorada. A vida está penetrada pela dupla dinâmica de conservação e dissolução. A morte faz parte do ciclo vital de todos os seres vivos. Morrer revela que a vida humana participa da finitude de todos os seres vivos complexos conhecidos. Ela é desgastável, consumível, dissolúvel.

A morte no AT

Inspirado por Deus, o povo de Israel compreendeu que a nossa existência neste mundo tem um fim. Somos seres finitos. Como a morte é inevitável, um sinal de bênção divina consiste em viver muito, ter saúde e paz, não morrer precocemente e experimentar uma velhice feliz. Por isso a Bíblia atribui muitos anos de vida a personagens importantes, como Sara (Gn 23,1) e Abraão (Gn 25,7). Viver bem, durante longo período, expressa uma bênção divina (Dt 28,11s). Nesta mesma linha, o profeta Isaías promete que, no novo tempo do messias, "não haverá mais

crianças que vivam alguns dias apenas, nem velhos que não cheguem a completar seus dias, pois será ainda jovem quem morrer aos cem anos” (Is 65,20-21).

A Bíblia confere à palavra “morte” também um sentido ético-espiritual: optar contra o Deus da vida, ceder às inclinações do mal no seu coração, afastar-se da Fonte da vida. Se o Povo de Deus escolher a fidelidade à aliança, sua existência nesta Terra será marcada pela bênção e pela paz. Rejeitar a aliança com Deus leva à perda de valores, ao desvio do caminho do bem, à destruição lenta do próprio povo (Dt 30.15-19).

Morrer, enquanto etapa final da existência humana nesse mundo, é algo natural. No entanto, a morte como atitude de negar o Deus da vida e de praticar o mal contra as pessoas é consequência e manifestação do Pecado (Gn 4.1-15).

A morte no NT

Paulo afirma que “com o Pecado entrou a morte no mundo” (Rm 5.12). Não se refere aqui ao fim do ciclo de vida, e sim à rejeição a Deus, que leva os seres humanos a destruírem a si próprios, aos outros e à natureza! Assim, o pecado influencia profundamente a forma humana de viver e de morrer. Longe de Deus, o homem e a mulher cultivam atitudes que corroem a vida, em toda a sua extensão. Em sentido simbólico: vivem optando pela morte. O resultado não poderia ser outro. Apegam-se tanto às ilusões e às coisas passageiras desta vida, que têm dificuldades em fazer da morte o gesto derradeiro de entrega nas mãos de Deus. No fim da vida colhem o mal que cultivaram durante a existência. Quem se distancia de Deus está no caminho da morte, como a palha que o vento leva (Sl 1.4-6).

Nas comunidades joaninas, a ligação entre amor e vida está clara: **“Nós sabemos que passamos da morte para a vida porque amamos os nossos irmãos”** (1Jo 3.14). No entanto, o fim da existência terrena não se equipara ao aniquilamento espiritual do ser humano. Não são sinônimos. Assim se compreende a palavra de Paulo: **“a morte é o salário do pecado. Mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna”** (Rm 6.23). “Morte” designa tanto o fim temporal da vida como também o dano causado à vida pela perda da comunhão com Deus. Mas as duas experiências não são necessariamente coincidentes.

A Bíblia Sagrada nos apresenta duas formas de entender a morte: física e espiritual. Com isso, precisamos “enxergar a morte” através de Cristo.

III. A MORTE SOB A LUZ DE CRISTO

A morte é para Jesus a consumação de uma vida de amor e dedicação ao povo, o término de sua missão de inaugurar o Reino de Deus e anunciar o Pai amoroso. O relato da Paixão, no Evangelho de João, assim se inicia: **“Tendo amado os seus que estavam neste mundo, amou-os até o fim”** (Jo 13.1b). Na oração conclusiva de sua missão, Jesus proclama: **“Eu te glorifiquei na terra, completei a**

obra que me deste para fazer” (Jo 17.4). Assim ele encerra um longo e belo caminho de viver para os outros, fazendo o bem (At 10.34)!

Jesus encerra tal missão sozinho, abandonado pelos discípulos e pela multidão. Sua morte redentora não esconde esse fato. Morrer crucificado soou, inicialmente para seus discípulos, como fracasso. Abateu suas esperanças, como se relata na conversa dos discípulos de Emaús (Lc 24.19-21). O Evangelho de Marcos, na narrativa da paixão, apresenta a palavra trágica de Jesus na cruz: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” (Mc 15.34), aludindo ao grito do justo perseguido, no Salmo 22. À luz da situação de Jesus na cruz, pode-se afirmar que, para todo ser humano, a morte comporta perda e abandono.

O grande gesto de Jesus ao final da vida consiste em se entregar confiadamente nas mãos do Pai (Lc 23.46). Então, inspirado neste gesto de Jesus, o cristão é chamado a fazer da morte o último e definitivo momento de oferta a Deus, o gesto derradeiro de fé: “Senhor, de ti recebi a vida. A ti a entrego novamente”.

Em poucas palavras, a morte significou para Jesus simultaneamente: **abandono, entrega, redenção e passagem para vida glorificada**. O que ela ensina a todo ser humano? Morrer é **ato solitário**. Mesmo que aconteça em companhia das pessoas amadas, a **morte** comporta **abandono e perda**. Ao mesmo tempo, Jesus fez de sua morte o ato último de entrega ao Pai e à humanidade. Ele, que “passou pela vida fazendo o bem” (At 10.38), transformou a condição de “ser abandonado” em “abandonar-se” nas mãos do Pai. Por fim, a partir de Cristo, a morte não tem a última palavra sobre a existência humana. O Deus da vida libertou Jesus das amarras da morte e o conduziu para a Glória. Assim, ele abriu para nós um caminho radicalmente novo. A morte se transforma em passagem para nova vida, a ressurreição.

III. UMA VIDA, UMA MORTE, QUE GLORIFICA A DEUS

Todos nós compreendemos a morte a partir dos outros seres vivos. Uma criança entende os limites da vida quando perde seu animal de estimação. Adultos, ao acompanhar de parentes e amigos com enfermidade grave, questionam-se como estão conduzindo sua existência e que fim ela terá. A morte de pessoas a quem queremos bem possibilita experimentar dimensões básicas da morte. Envelhecer, adoecer e morrer não se restringem a uma questão psicológica ou existencial, mas são também realidades de natureza espiritual e teológica.

Só porque cremos em Jesus Cristo, isso não nos isenta da morte evidente. Como afirmamos, um dia teremos que enfrentar a morte. Todos os cristãos irão experimentar a alegria da vida eterna, mas antes, cada cristão deve experimentar a dor da morte física.

Por isso, a pergunta que fazemos é a seguinte: como uma boa morte é o reflexo de uma boa vida? Como devemos lidar com essa questão?

O que a vida cristã não é

No mundo de hoje existem duas definições de ser humano que se destacam e se contrapõem. A primeira (e mais aceita) é a definição do evolucionismo ateu, que pode ser apresentada nos seguintes termos: O ser humano é um animal racional bípede da família dos primatas, pertencente à subespécie *Homo sapiens* originado das forças aleatórias do processo evolutivo e que, conseqüentemente, não tem um propósito determinado para a sua existência.

Se essa definição for aceita pelos debatedores, toda a discussão findará. Ambos concluirão que a dignidade do ser humano é relativa, dependendo de como ele vive e da utilidade que tem para a sociedade. Com essa definição em mente, eles fatalmente não verão nenhum problema em práticas como o aborto e a eutanásia.

A outra definição é a que pode ser construída com base no ensino das Escrituras: O ser humano é um ente que veio à existência por um ato criador de Deus, feito à sua imagem e semelhança, constituído de corpo material e alma racional e imortal, cujo propósito, pelo qual foi plasmado, é glorificar aquele que o criou e desfrutar para sempre da comunhão com ele.

Se os participantes da discussão sobre a dignidade do ser humano aceitarem essa definição, então concluirão que o homem tem dignidade independentemente dos seus erros ou acertos ou do fato de ser útil ou não à sociedade em que vive. Sua dignidade seria considerada intrínseca. Eles diriam: "Basta ser humano para ser digno". Se aceitassem essa definição, dificilmente nossos debatedores seriam favoráveis a causas radicais como o aborto ou à eutanásia.

Com ambas definições sobre o homem, podemos trazer a tona outro contraste. "Eis um incrédulo que vive a vida cristã muito mais que a maioria dos crentes que eu conheço!" Essa frase tão comum na boca de muitos evangélicos revela um erro grosseiro. Quem a pronuncia sugere a ideia de que a vida cristã se resume em bom comportamento.

O que aprendemos, em todo EBD, é que uma vida moralmente correta não é, necessariamente, vida cristã. Vejamos, por exemplo, o caso dos filósofos epicuristas. Eles eram seguidores de Epicuro (t. c. 271 a.C.), um pensador ateniense que propunha que a felicidade do homem poderia ser encontrada somente numa vida de paz, prazer e reflexão. Para isso, dizia ele, era necessário, entre outras coisas, que o homem observasse elevados preceitos morais. Caso não agisse assim, ameaçaria a paz social e o próprio equilíbrio individual, atraindo sobre si mesmo os mais diversos males.

Os epicuristas eram materialistas e criam que toda a realidade se reduzia a átomos. Assim, eles não acreditavam na existência de vida após a morte e rejeitavam a ideia de recompensas e castigos no além. Segundo suas doutrinas,

após a morte a alma se dissolvia, como tudo o que é material. Ademais, os epicuristas concebiam Deus como um ser apático que, caso existisse, não se preocupava com as ações dos homens.

De fato, o homem que vive piedosamente evita muitos males (Pv 1:15-19). Porém, essa não é a razão primordial pela qual o crente cultiva a retidão. A razão principal que o orienta na direção da virtude é o desejo de agradar a Deus e manter viva sua comunhão com ele. Para os epicuristas, porém, isso não fazia sentido.

O que a vida cristã é

Vida cristã é a conduta do homem transformado pela fé em Cristo, marcada pela retidão descrita nas Escrituras Sagradas, mantida e aperfeiçoada pelo zelo pessoal através do poder do Espírito Santo, e que tem como propósito mais sublime a glória de Deus.

Em primeiro lugar, **a fé salvadora é de origem sobrenatural**. Ela não nasce no coração como resultado da mera vontade humana. Trata-se de um dom de Deus, concedido àqueles que ele soberanamente decidiu agraciar (Jo 6.65; Ef 2.8; Fp 1.29; Hb 12.2a).

Em segundo lugar, **a fé salvadora é perseverante**. Aliás, a maior prova de que alguém tem a fé genuína está no fato de a pessoa persistir nela em toda e qualquer situação, mesmo quando isso implica terríveis sacrifícios.

A fé salvadora é perseverante porque, sendo Deus quem a origina, é também ele quem a sustenta. De fato, conforme o autor de Hebreus ensina, Cristo não é somente o Autor, mas também o Consumador da fé, ou seja, é aquele que a aperfeiçoa até o fim (Hb 12.2a). Ademais, a Bíblia diz que o crente verdadeiro é guardado pelo poder de Deus (1Pe 1.35), que o impede de cair na apostasia, fazendo-o perseverar enquanto viver (Jo 10.28-29; Rm 8.35-39; 1Pe 5.10; Jd 24).

A definição diz também que a vida cristã é "mantida e aperfeiçoada pelo zelo pessoal". Aqui surge um paradoxo: se a fé genuína transforma o caráter de quem a possui, por que o crente precisa zelar pela manutenção e pelo aperfeiçoamento da vida de retidão? Se a fé sobrenatural transforma a vida do cristão, por que ele não pode simplesmente relaxar e esperar que as mudanças aconteçam?

Mas, o fato é, que o crente deve se esforçar na busca de uma vida cristã mais próxima do ideal de Deus. Esse é um dever imposto pelas Sagradas Escrituras (Rm 6.12-13; Cl 3.5; Tt 3.8; 2Pe 1.5-7; 3.14). Assim, mesmo sabendo que quem crê é transformado e mesmo reconhecendo que é a graça de Deus que opera mudanças em seu caráter, o crente deve assumir o dever de se empenhar no aperfeiçoamento de sua santidade.

Uma boa morte é ter uma boa vida em Cristo

A vida cristã tem um propósito sublime: a glória de Deus. Podemos chamar isso de propósito doxológico. A vida do homem cristão, por sua vez, tem um propósito majestoso. Paulo ensina que o crente tem como razão de existir o louvor da glória daquele que o resgatou (Ef 1.11-14). Assim, todos os frutos de justiça que ele produz buscam realizar esse ideal supremo (Fp 1.11). Aliás, o cristão verdadeiro alinha cada detalhe da sua vida a esse objetivo, sendo exortado a promover a glória do Pai até mesmo através dos atos mais corriqueiros do dia a dia – do qual chamamos de liturgia do ordinário (1Co 10:31).

Situando a glória de Deus como a meta mais elevada do viver cristão, o Novo Testamento aponta dois outros objetivos da conduta transformada que servem a esse alvo primordial: o propósito apologético e o propósito querigmático. Por propósito apologético entende-se a função que a vida cristã tem de operar como uma forma de defesa da fé. Por propósito querigmático entende-se o viver cristão também como alvo o anúncio e a divulgação da mensagem do evangelho.

Tendo em vista tais ensinamentos, para que tenhamos uma boa morte, nos é necessário ter uma boa vida que é: uma vida total para a glória de Deus. Onde o nosso Salvador é glorificado através dos atos mais corriqueiros do dia a dia. Seja em nossas refeições diárias, nas devocionais, nos filmes ou série que assistimos, na música que ouvimos/cantamos, nas amizades, no casamento, no cuidado familiar, educação dos filhos, enfim, em tudo aquilo que fazemos no dia a dia, o alvo deve ser a glória de Deus.

APLICAÇÃO

Toda a nossa vida aponta para Deus, nosso alvo é a glória de Deus. Uma boa morte só é possível se vivermos, intensamente, esse alvo. Mas, salientamos uma verdade: boas-obras não salvam, pois, uma vida para a glória de Deus é mediante a nossa resposta a salvação que de Cristo recebemos. Só temos uma boa vida, se somos chamados por Deus.

Nós fomos salvos, portanto, devemos aplicar em nossas vidas as lições aqui aprendidas. Precisamos nos perguntar: o que fazer agora?

- Ao acordar, traga à tona, para você e para toda a sua família, a mensagem do Evangelho, através da oração, da leitura bíblica ou qualquer outra disciplina espiritual (Lm 3.22-24; Sl 119.147-148). Seja renovado continuamente pelo Evangelho, ao acordar.

- Faça, diariamente, suas devocionais. Aqui não estamos incentivando, cada um de nós, a assistir um vídeo no YouTube e ver o outro fazê-lo em nosso lugar. Mas é dedicar seu tempo e sua vida em leituras de pequenas porções da Bíblia, o qual lhe levará a reflexões contínuas em Sua Palavra (Js 1.8; Sl 19.14; Sl 1.1-2; 77.11-12). Nós, da IBS, preparamos diariamente devocionais. Você tem os usado para levar seu lar, sua vida, a conhecer mais a Deus?

- Assista filmes ou séries que não venham a “ferir” a Palavra de Deus ou enxertar nos nossos lares pensamentos, atitudes ou filosofias mundanas. Tome cuidado com aquilo que entra em sua casa pela tela de sua TV, celular ou computador (Sl 15; Lc 6.45; Ef 4.29).

- Ouça músicas que tenham conteúdo bíblico, que apontam para a realidade do caráter de Deus.

- Exerça seu trabalho como se fosse ao Senhor. Paulo, ao escrever sua carta aos Efésios, deixa bem claro que tanto os empregadores, quanto os empregados devem exercer suas funções para como se fossem ao Senhor (Ef 6.5-9). Com isso, uma boa morte é exercer nossa vocação para a glória de Deus. Relembramos o que aprendemos na série anterior, sobre vocação. Existem dois tipos de vocação: geral e específica. Sobre a específica, está relacionada com aquilo que hoje exercemos, sendo assim devemos fazê-la para a glória de Deus, sem preguiça, reclamação, murmuração, mas testemunhando do nosso Senhor.

- Filtre todas as suas amizades a luz da Palavra de Deus. Escolha bem seus amigos, busque estar rodeado de cristãos que amam a Deus e o temem (Pv 13.20; Rm 12.10; 1Co 15.33; 2Co 13.11; Ef 4.1-3; Cl 3.17);

- Eduque seus filhos no temor do Senhor. Seja você o pastor de seu lar, pai. Quanto a mães solteiras, busquem ensinar seus filhos sobre quem é o nosso Deus (2Tm 1.5).

- Faça de seu casamento um reflexo da glória de Deus. Paulo ensina que o casamento aponta para o mistério da união entre Cristo e a Igreja (Ef 5.31-33). Devemos levar a sério o nosso casamento (Ef 5.22-31). Hoje vemos muitos homens falhando no pastoreio do seu lar, colocando a culpa em suas inseguranças e situações mal resolvidas, não tratando e nem buscando tratar seus problemas de forma bíblica. Fazem como Adão, colocam a sua culpa sempre no outro, nunca enxergando o peso do seu próprio pecado (Gn 3.12). Até mesmo vemos muitas mulheres, assumindo um papel não bíblico no lar, devido à falta de seu cônjuge, mas não conseguindo fazer a transição correta, entregando a liderança de sua casa ao seu esposo. Colocando a culpa de toda a falha em seu marido, até nos filhos, no trabalho, ou responsabilidades (Gn 3.13), sempre buscando expectativas, mas nunca ajudando seu marido em seus problemas mais íntimos, muitas vezes sendo peso, em vez de bálsamo. Por isso, homens e mulheres, aqui nessa igreja já ensinamos a respeito de ambas funções no lar. Exerça-os para a glória de Deus, buscando viver sua vida de casado centrada no Evangelho.

- Tome cuidado com seu sono, pois ele também aponta para a glória de Deus. John Piper apresenta três pontos sobre a importância espiritual do sono:

a) Deus criou o sono como um lembrete contínuo que não deveríamos ficar ansiosos, mas descansar nele.

b) O sono é um lembrete diário de que não somos deus, pois ele é quem não dorme (salmo 121:4-5).

c) O sono é como um disco quebrado que toca a mesma mensagem todos os dias: o homem não é soberano, o homem não é soberano, o homem não é soberano; mas Deus é!

Deus quer que aprendamos as lições do sono: **é preciso parar de confiar em nós mesmos, em nossas forças e habilidades e lembrar que tudo o que somos é deus quem fez e pertencemos a ele.**

- Uma boa morte é uma vida que tem como alvo a glória de Deus. Somos salvos em Cristo, em resposta a essa salvação vivemos tendo em vista esse alvo.
- Estamos morrendo, mas isso é lucro para você? (Fp 1.20-21).